

Os impactos da pandemia e a relação do brasileiro com as finanças

» SILVIO FRISON
Vice-presidente da Serasa

Dois mil e vinte e dois começou como o ano das possibilidades, do recomeço, tendo em vista o enfraquecimento da pandemia de covid-19 no final do ano passado. Mas depois de alguns meses do novo ano, tudo ainda parece incerto. A guerra na Europa entre Rússia e Ucrânia, o vírus resistindo e até aumentando em algumas regiões, além do ressurgimento de algumas doenças que acreditávamos estarem erradicadas têm gerado forte impacto na economia mundial e na vida financeira dos brasileiros.

Para tentar manter a ordem das finanças pessoais, muitas pessoas cortaram gastos desnecessários e passaram a prestar mais atenção no planejamento, na necessidade de planejar as finanças da família. Mesmo assim, ao final de 2021, o volume de dinheiro guardado caiu significativamente.

Há anos não registrávamos tamanha inflação em produtos que fazem parte do dia a dia da maior parte da população (alimentação, combustível, energia, por exemplo), consumindo parte significativa da renda do trabalhador, que por sinal também sofreu redução durante a pandemia. Esse cenário fez com que houvesse transformações nos hábitos de consumo, lazer e comportamento.

O brasileiro aumentou sua disposição para empreender, buscando renda por conta própria, reduziu o uso do dinheiro vivo, substituindo-o pelo PIX, passou a priorizar os gastos em casa, como TVs por assinatura, e reduziu drasticamente os investimentos com lazer externo. Quando se comparam as principais despesas realizadas em 2021 ao ano de 2020, constata-se que o aumento dos gastos se concentra em supermercados, hipermercados e farmácias em seguida.

Por causa desse cenário, o nível de endividamento vem batendo recorde atrás de recorde e isso gera uma preocupação enorme tanto ao olharmos para a economia do país, como também para cada pessoa que se encontra com o “nome sujo”, uma vez que, além de limitar o acesso ao crédito, a inadimplência tem um peso cultural muito forte que aprendemos desde pequenos que nosso nome é tudo que temos.

Outro aspecto impactado foi a saúde mental por conta dos reflexos com preocupações

financeiras, com a família e com o futuro. Muitos brasileiros relatam ter problemas de concentração para realizar tarefas diárias, mais pensamentos negativos devido a uma situação financeira complicada e muitos sofrem crise de ansiedade pelo excesso de preocupações.

Para tentar reduzir os impactos da pandemia e da intensificação da crise pela guerra na Europa, o governo, por meio da Caixa Econômica Federal, liberou o saque emergencial do FGTS 2022 de até R\$ 1 mil, de acordo com a data de nascimento de cada um.

Para muitos brasileiros, o saque pode representar o recomeço já que quase metade da população que possui dívida pretende usar o saque emergencial do FGTS para limpar o nome. E, embora já houvesse a possibilidade de utilizar o FGTS como garantia para solicitar empréstimo com taxas menores para conseguir quitar dívidas de maneira mais tranquila, pouquíssimas pessoas fazem uso dessa oportunidade.

O fato de o saque emergencial despertar

o público para a possibilidade de adquirir empréstimos atrelados ao FGTS nos mostra algo bastante curioso: apesar da fama, o FGTS não é verdadeiramente conhecido pelo brasileiro. Aos 55 anos de idade, o respeitado Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) ainda gera muitas dúvidas. Embora quase todos os brasileiros conheçam o Fundo, nem a metade da população conhece em que condições pode sacar o próprio dinheiro e não sabe como consultar o saldo junto à Caixa Econômica Federal, instituição financeira responsável pela administração do Fundo vigente desde janeiro de 1967.

Não adianta reclamar ou esperar que esse tipo de conhecimento chegue à grande população. Esta é uma ótima oportunidade para que nós, empresas da área financeira, possamos contribuir com informação útil, compartilhando os melhores recursos disponíveis para que todas as famílias possam garantir uma boa saúde financeira e, assim, uma vida mais tranquila e feliz.



G O M E Z

Energia renovável compartilhada

» IVO O. PITANGUY
Sócio fundador da climate tech Nextron Energia

Atualmente, há duas formas de investir em usinas de energias renováveis que são bem consolidadas pelo mercado de capitais no Brasil. Com o uso de tecnologia, está se desenvolvendo uma terceira, que tem o potencial de provocar uma disrupção no setor e se consolidar como nova classe de ativos.

A primeira forma, que poderíamos chamar de atacado da energia, consiste na construção de usinas de grande porte destinadas ao mercado livre, que representa 30% do market share do consumo total de energia no país. A venda da produção é firmada mediante contratos robustos, de longo prazo — que podem durar mais de uma década — com grandes consumidores. São, portanto, projetos facilmente financiáveis por conta do perfil de risco reduzido.

A segunda, que poderíamos chamar de atacado de energia, contempla as usinas, por vezes arrendadas, que compõem o modelo de autoconsumo remoto, destinado a um único imóvel ou vários imóveis que pertençam ao mesmo CNPJ (por exemplo, agências de um mesmo banco). Aqui, estamos falando da possibilidade de atender a demanda dos outros 70% do market share (aproximadamente 110 milhões de consumidores), o chamado mercado cativo, composto pelos clientes que são

servidos pelas distribuidoras de energia.

Acontece que do mercado cativo, além do comércio (pessoa jurídica) faz parte o consumidor residencial (pessoa física), sendo que ambos pagam o maior preço pela energia elétrica. E é com foco nesse preço alto de energia e enorme mercado endereçável, ainda pouco explorado, que está crescendo o apetite dos investidores. Isso porque, graças à evolução da legislação, a geração de energia compartilhada já é uma realidade no país, apesar de representar menos de 1% do total de geração distribuída. Nesse modelo, os produtores de energia renovável podem compartilhar a produção gerada por suas fazendas solares não apenas com um único CNPJ, mas para milhares de CNPJs e CPFs distintos que compartilham dessa geração mais limpa e abatem os créditos do seu consumo, gerando uma economia na conta de energia sem a necessidade de investir em placas solares, por exemplo.

Mas não seria um risco de crédito muito alto? Seria, se não fossem as soluções digitais que vêm sendo desenvolvidas para minimizar esses riscos. Tecnologias que usam modelos de machine learning e inteligência artificial na qualificação, alocação e gestão do portfólio de usuários, além da otimização do compartilhamento das usinas, reduzem significativamente o risco

do investimento e mantêm uma maior rentabilidade comparada às outras opções de investimento em renováveis. Além disso, startups de tecnologia são capazes de simplificar e digitalizar a experiência do usuário possibilitando escalabilidade e mantendo o usuário fidelizado e, por consequência, gerando um fluxo de caixa previsível e perene para o investidor (a vida útil das usinas é, em média, de 25 anos).

Costumo comparar ao benefício que as plataformas de delivery representam para os restaurantes: é cada vez mais comum que os estabelecimentos dependam de um bom serviço de entrega terceirizado para ganharem capilaridade e entregar uma boa experiência ao usuário a fim de alcançarem muito mais clientes do que servindo refeições apenas no salão ou — mais crítico — tendo que desenvolver e operar a sua própria plataforma de gestão de venda e delivery.

Com tecnologia acoplada, o modelo de geração compartilhada começa a ser algo escalável, mais rentável e com mecanismos de redução do risco varejo. Estamos vendo, portanto, o nascimento da democratização real do acesso e do investimento em energias renováveis. E os investidores que já notaram isso estão tendo uma ótima oportunidade de sair na frente e aproveitar o fomento aos negócios desse setor.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Motivo de piada

Exercitar o engenho e as artes da política, ao contrário do que pensam os vivaldinos e outros espertalhões que transformam esse importante instrumento das boas relações humanas em algo sem valia, não é para qualquer um. Exige, além de expertise nesse mister, talento, bagagem cultural e intelectual e uma boa dose de humanismo e ética. Sem esses atributos, fica-se apenas na pequena política, de olho em posições e vantagens, voltado para satisfação do próprio ego, alheio ao mundo em redor.

É desse mal que padecemos e que nos torna eternos prisioneiros de um subdesenvolvimento crônico e sem sentido. Quando essa deficiência política se estende para além dos assuntos internos e passa a abarcar também os interesses do país no campo internacional, o que se tem é a ruína completa de todo o edifício do Estado e de seu entorno. Saber que países jamais estabelecem laços de amizade e, sim, relações de interesses econômicos e estratégicos é uma das primeiras lições a serem aprendidas. Os amigos do Brasil são, em primeiríssimo lugar, os brasileiros e os que chegaram com suas famílias para começar uma vida nova e ficaram aqui para somar. De resto, o que se tem são interesses, inclusive os mais inconfessáveis. Acreditar, como fez o atual governo de que o ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump era seu amigo particular e de seus filhos não é só um engano, como um perigo para o Brasil. Do mesmo modo, crer que o presidente da Rússia, Vladimir Putin, nutre laços de amizade fraternal e de apreço pelo atual governo e pelos brasileiros é de uma ingenuidade sem par.

Putin tem tanta simpatia e amizade pelo atual governo e o Brasil como teve com a Ucrânia, que invadiu e vem destruindo, tijolo por tijolo, matando civis e riscando do mapa aquele país, outrora uma nação independente. Observem que nesse caso, assim como os russos, os ucranianos tinham, com o invasor, uma história comum e até laços consanguíneos. Nada disso prevaleceu.

Encontrar vantagens em preços de fertilizantes NPK, como nitrogenados, fosfatados e potássicos, que o Brasil passou a importar da Rússia ou a compra de diesel, como vem sendo negociado agora, é um passo no escuro, como têm alertado aqueles que, realmente, entendem do xadrez das relações internacionais.

Comercializar abertamente com um país que está na mira do mundo por seu procedimento arrivista e bélico e que pode, na sequência, levar toda a Europa e o planeta para uma guerra sem precedentes, é outra demonstração de um infantilismo político e perigoso. Burlar as sanções justas contra a Rússia é se colocar ao lado do agressor e contra as demais nações democráticas, assumindo o lado errado da história.

Com o ex-presidente e agora candidato Lula, ocorreriam os mesmos erros na condução da política externa. Também o demiurgo de Garanhuns acreditava ser o rei da cocada preta. Suas amizades com os espertos irmãos Castros, com Evo Morales, Hugo Chaves e outros ditadores da América Latina, a quem chamava de “irmãos” custou bilhões de reais aos contribuintes brasileiros, que deles só obtiveram o calote, puro e simples. Podemos imaginar aqui as risadas, que esses personagens da tirania latina davam, entre bafaradas de charuto, zombando da grande trapaça que aplicaram no brasileiro Lula, em nome de um socialismo que nem eles, nem ninguém mais acredita.

Não fosse pela alternância de poder e outros tropeços como o impeachment contra Dilma, esses falsos camaradas de chanchadas, metidos em seus uniformes militares de fantasia, teriam levado até as cuecas dos brasileiros, tudo em nome do socialismo do século 21.

» A frase que foi pronunciada

“Homem livre e escravo, patricio e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e oficial, em uma palavra, opressores e oprimidos, estavam em constante oposição um ao outro, travavam uma luta ininterrupta, ora oculta, ora aberta, que cada vez terminava, ou na reconstituição revolucionária da sociedade em geral, ou na ruína comum das classes em conflito.”

Karl Marx, em *O Manifesto Comunista*

De graça

» Sempre valorizando a arte e a comunidade brasiliense, a Casa Thomas Jefferson apresenta no programa Sexta Musical, as obras para violão de Guerra-Peixe, interpretadas pelo violonista Álvaro Henrique conhecido por se apropriar da música como forma de comunicação. O concerto será às 20h na Thomas da 706/906 Sul.

Mestrado

» Em Harvard e Yale, está dando certo. Também a Universidade de Brasília passou a ministrar a matéria felicidade. Como trazer a felicidade para a família, medicina, direito ou para qualquer profissão escolhida. Como chegar à felicidade com o compartilhamento. É um assunto novo e, dessa vez, positivo.

» História de Brasília

Nestes últimos dias, o gás engarrafado sofreu um aumento de 20,6%, o que constituiu um recorde sobre todos os aumentos anteriores.

(Publicada em 2/3/1962)